

XII Congresso Brasileiro de Sociologia
31 de maio a 03 de junho de 2005
Belo Horizonte - MG
Grupo de Trabalho GT 05 - Etnicidade e Raça.

Quem são os alunos afro-descendentes da Universidade Federal Fluminense?

André Augusto Brandão¹

Mani Tebet A. de Marins²

Introdução

Este artigo trabalha com dados oriundos do Censo Étnico-Racial realizado na Universidade Federal Fluminense em 2003 pelo Programa de Educação sobre o Negro na Sociedade Brasileira (PENESB). Foram aplicados cerca de 10.900 questionários socioeconômicos entre os alunos de todos os cursos da sede da Universidade³.

Nas primeiras análises do material encontramos uma configuração que nos trouxe perplexidade: nos deparamos com dados que indicavam haver mais alunos auto-declarados afro-descendentes do que a soma dos auto-declarados pretos e pardos na UFF. Estes dados se encontram nas tabelas a seguir:

Tabela 1 - Distribuição percentual dos alunos da UFF por cor ou raça

Cor ou Raça	% na UFF
Branca	63,70
Preta	4,30
Parda	25,80
Amarela	1,70
Indígena	0,60
Sem declaração	3,60
Mais de uma	0,20
TOTAL	100,00

Fonte: Censo Étnico-Racial da UFF e da UFMT

¹ Professor e Pesquisador do Programa de Educação sobre o Negro na Sociedade Brasileira, Professor da ESS-UFF e Doutor em ciências sociais.

² Graduanda em Serviços Social pela UFF e bolsista de iniciação científica do CNPq.

³ A UFF possui inúmeros cursos no interior do Estado do Rio de Janeiro, no entanto estes não foram cobertos pela pesquisa.

Tabela 2 – Distribuição percentual dos alunos da UFF por cor ou raça segundo a declaração de afro-descendência

		Cor ou	Raça			
Afro-descendente	Branca	Preta	Parda	Amarela	Indígena	SD
Sim	26,30	95,35	73,60	32,98	60,00	58,58
Não	73,54	4,65	26,29	67,02	40,00	40,33
Talvez	0,16	0,0	0,11	0,0	0,0	1,09
Total	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00

Fonte: Censo Étnico-Racial da UFF e da UFMT

Para sermos mais precisos, enquanto que os pretos e pardos na UFF eram 30,10% do total de alunos; aqueles que se intitulavam afro-descendentes chegavam a 42,90% deste mesmo universo. Para além disto, nos surpreendemos com o fato de que 26,30% dos brancos também afirmem sua afro-descendência.

Uma avaliação preliminar destes dados pode produzir uma hipótese de que a força ideológica do chamado "mito fundador das três raças" explicaria tal configuração. No entanto, um elemento destruiria esta linha de interpretação, a saber: há uma regularidade de características sócio-econômicas que diferencia cada sub-grupo de cor ou raça (ou seja, pretos/afro e pretos/não-afro; pardos/afro; pardos/não-afro; brancos/afro e brancos/não-afro). Neste contexto, a declaração de afro-descendência não se distribui aleatoriamente entre os entrevistados, por isso, é importante conhecer de forma mais aproximada quem são estes alunos.

Características diferenciadas dos grupos afro-descendente e não afro-descendente

De início podemos compreender como estes auto-declarados afro-descendentes se distribuem por uma classificação de "Cor - Origem" alternativa àquela do IBGE.

Tabela 3 - Distribuição percentual dos alunos da UFF por categorias de origem étnica ou racial, segundo a declaração de afro-descendência

Cor - Origem	Não %	Afro-Descendente			NR %	NS %	Total
		Sim %	Talvez %				
Branco	80,78	18,54	0,10	0,55	0,02	100,00	
Negro	3,21	96,50	0,00	0,29	0,00	100,00	
Mestiço	27,88	71,56	0,12	0,43	0,00	100,00	
Amarelo	58,09	41,18	0,00	0,74	0,00	100,00	
Indígena	47,13	50,57	0,00	1,15	1,15	100,00	
Mais de uma	34,88	62,79	2,33	0,00	0,00	100,00	
Não quer responder	45,53	50,33	1,31	2,83	0,00	100,00	
NR	45,37	39,81	1,85	12,96	0,00	100,00	
Outro	36,64	61,30	0,00	2,05	0,00	100,00	
Total	56,36	42,68	0,17	0,77	0,02	100,00	

Fonte: Censo Étnico-Racial da UFF e da UFMT

Como vemos, a presença da categoria “negro”, faz com que um número menor de brancos se declarem afro-descendentes (quando comparado a classificação utilizada pelo IBGE: branco, preto, pardo, amarelo e indígena). Por outro lado os negros são cerca de 1% mais propensos que os pretos a apontar sua afro-descendência e os mestiços são 1,64% menos propensos a tal declaração que os pardos. Isto parece ter uma explicação. Quando oferecemos aos entrevistados a classificação do IBGE 63,7 destes se declaram brancos. Já na classificação alternativa os brancos equivalem a 53,6%. Isto deve significar que aproximadamente 10,0% dos brancos da classificação do IBGE duvidavam de sua escolha. Por isso migraram para a categoria “mestiço”. Neste sentido é provável que os brancos na classificação alternativa tenham menos dúvidas da sua “branquitude”.

Tabela 4 – Distribuição percentual dos alunos da UFF por tipo de escola freqüentada no Ensino Fundamental, segundo a declaração de afro-descendência

Ensino Fundamental	Não %	Afro-descendente			NR %	NS %	Total
		Sim %	Talvez %				
Escola privada	61,67	37,49	0,13	0,70	0,01	100,00	
Escola pública	44,56	54,29	0,26	0,89	0,00	100,00	
Escolas pública e privada	50,83	48,30	0,10	0,68	0,10	100,00	
NR	51,19	42,86	2,38	3,57	0,00	100,00	
Total	56,36	42,68	0,17	0,77	0,02	100,00	

Fonte: Censo Étnico-Racial da UFF e da UFMT

Tabela 5 - Distribuição percentual dos alunos da UFF por tipo de escola freqüentada no Ensino Médio, segundo a declaração de afro-descendência

Ensino Médio	Afro-descendente					Total
	Não %	Sim %	Talvez %	NR %	NS %	
Escola privada	61,80	37,23	0,16	0,79	0,03	100,00
Escola pública	45,65	53,52	0,15	0,68	0,00	100,00
Escolas pública e privada	54,58	44,47	0,19	0,76	0,00	100,00
NR	46,15	48,72	2,56	2,56	0,00	100,00
Total	56,36	42,68	0,17	0,77	0,02	100,00

Fonte: Censo Étnico-Racial da UFF e da UFMT

Como verificamos nas duas tabelas acima os alunos que estudaram em escolas privadas no ensino fundamental e médio se declaram em maior medida não afro-descendentes. O contrário ocorre com aqueles que se declaram afro-descendentes. Estes dados seguem a tendência de que pretos e pardos em maior medida que a média geral estudam na rede pública de ensino como já demonstraram Brandão e Teixeira (2003).

Na medida em que oriundos de escola privada tendem a ser em geral mais bem posicionados economicamente que os oriundos da escola pública, podemos indicar a existência de uma possível relação entre a declaração de afrodescendência e a renda da família.

Tabela 6 - Distribuição percentual dos alunos da UFF por trabalho anterior, segundo a declaração de afro-descendência

Trabalho Anterior	Afro-descendente					Total
	Não %	Sim %	Talvez %	NR %	NS %	
Durante o ensino fundamental	43,82	52,81	1,12	3,25	0,00	100,00
Durante o ensino médio	48,16	51,09	0,29	0,46	0,00	100,00
Durante os ensinos fundamental e médio	42,82	56,08	0,00	1,10	0,00	100,00
Não trabalhou	58,74	40,36	0,13	0,75	0,02	100,00
NR	53,21	40,37	1,83	4,59	0,00	100,00
Total	56,36	42,68	0,17	0,77	0,02	100,00

Fonte: Censo Étnico-Racial da UFF e da UFMT

A tabela 6 acima mostra que entre os alunos que exerceram atividades de trabalho antes de sua entrada na universidade, predominam aqueles que se declaram afro-descendentes. O maior hiato entre afro-descendentes e não afro-descendentes se encontra exatamente no grupo que mais tempo trabalhou (ou seja, não somente durante a realização

do ensino fundamental mais também durante a realização do ensino médio). Por fim, entre os alunos que nunca haviam trabalhado, temos 58,74% de não afro-descendentes contra 40,36% de afro-descendentes. Podemos afirmar que aqueles alunos que trabalharam durante a escolarização anterior à universidade o fizeram em geral por conta da necessidade material. Assim tendem a ter uma origem familiar com renda inferior àqueles que não trabalharam.

Tabela 7 - Distribuição percentual dos alunos da UFF por declaração de afro-descendência, segundo a situação atual de trabalho

	Trabalho		NR %	Total
	Trabalha %	Não trabalha %		
Afro-descendente				
Sim	45,40	51,23	3,35	100,00
Não	40,02	57,10	2,88	100,00
Talvez	42,11	47,37	10,53	100,00
NR	48,81	44,05	7,14	100,00
NS	50,00	50,00	0,00	100,00
Total	42,39	54,48	3,13	100,00

Fonte: Censo Étnico-Racial da UFF e da UFMT

No que tange as atividades atuais de trabalho, verificamos a mesma tendência da tabela 6. Mais precisamente vemos que a maior parte dos alunos da UFF não exerce atividades de trabalho, no entanto, entre os afro-descendentes o percentual de trabalhadores é maior do que o encontrado entre os não-afro-descendentes. Este dado certamente também é condicionado pelas diferenças médias de renda familiar entre os dois grupos.

Tabela 8- Distribuição percentual dos alunos da UFF por turno de estudo, segundo declaração de afro-descendência

Turno	Afro-descendente					
	Não %	Sim %	Talvez %	NR %	NS %	Total
Integral	60,08	39,06	0,12	0,72	0,02	100,00
Manhã	56,66	42,18	0,26	0,90	0,00	100,00
Tarde	50,29	48,54	0,15	1,02	0,00	100,00
Noite	52,39	46,73	0,18	0,70	0,00	100,00
Semi-integral	55,67	43,19	0,28	0,78	0,07	100,00
NR	56,05	43,31	0,00	0,64	0,00	100,00
Total	56,36	42,68	0,17	0,77	0,02	100,00

Fonte: Censo Étnico-Racial da UFF e da UFMT

A tabela acima nos mostra que os alunos afro-descendentes se encontram muito menos presentes entre aqueles que estão matriculados em cursos de horário integral. Por outro lado, a maior frequência de afro-descendentes se encontra nos turnos da tarde e da noite. Podemos relacionar as duas últimas tabelas para verificar que se os alunos não afro-descendentes são os que menos exercem atividades de trabalho, isto se complementa com o fato de que a maioria destes alunos estudam em turno integral.

Tabela 9- Distribuição percentual dos alunos da UFF por renda, segundo declaração de afro-descendência

Renda Familiar	Afro-descendente					Total
	Não %	Sim %	Talvez %	NR %	NS %	
Até 1 sm	32,00	66,00	0,00	2,00	0,00	100,00
de 1 a 3 sm	39,66	59,53	0,18	0,63	0,00	100,00
de 3 a 5 sm	47,03	52,17	0,00	0,80	0,00	100,00
de 5 a 10 sm	55,09	44,17	0,14	0,56	0,04	100,00
de 10 a 20 sm	61,47	37,75	0,22	0,56	0,00	100,00
de 20 a 30 sm	68,51	30,47	0,24	0,79	0,00	100,00
de 30 a 40 sm	67,93	31,25	0,00	0,82	0,00	100,00
de 40 a 50 sm	70,30	28,71	0,00	0,99	0,00	100,00
mais de 50 sm	71,76	26,39	0,46	1,39	0,00	100,00
NR	58,22	37,47	0,81	3,23	0,27	100,00
NS	75,61	24,39	0,00	0,00	0,00	100,00
Total	56,36	42,68	0,17	0,77	0,02	100,00

Fonte: Censo Étnico-Racial da UFF e da UFMT

A tabela 9 nos mostra uma intensa clivagem entre afro-descendentes e não afro-descendentes no que tange a renda de suas famílias. Se tomarmos os dois extremos, veremos que entre as famílias com rendimento menor que 1 salário mínimo mensal, os afro-descendentes correspondem a 66,00%; já nas famílias com renda familiar acima de 50 salários mínimos, os alunos afro-descendentes correspondem a somente 26,39%. De fato os afro-descendentes são a maioria entre os alunos oriundos de famílias mais pobres (com até 5 salários mínimos de renda), enquanto que os não afro-descendentes são a maioria daqueles que advém de famílias mais ricas (com renda acima de 5 salários mínimos), maioria esta que vai crescendo a cada faixa superior de renda.

Tabela 10 – Distribuição percentual dos alunos da UFF por religião, segundo a declaração de afro-descendência.

Religião	Afro-descendente			NR %	NS %	Total
	Não %	Sim %	Talvez %			
Católica	61,13	38,22	0,13	0,50	0,02	100,00
Cristã sem vínculo	48,71	50,48	0,00	0,81	0,00	100,00
Esotérica	49,02	50,98	0,00	0,00	0,00	100,00
Espírita	54,29	45,18	0,18	0,35	0,00	100,00
Evangélica	49,89	48,90	0,07	1,07	0,07	100,00
Hinduísta/Budista	58,11	41,89	0,00	0,00	0,00	100,00
Islâmica	44,44	55,56	0,00	0,00	0,00	100,00
Judaica	89,55	10,45	0,00	0,00	0,00	100,00
Múltipla com Umbanda	37,04	59,26	0,00	3,70	0,00	100,00
Múltipla sem Umbanda	53,19	46,81	0,00	0,00	0,00	100,00
NR	53,33	33,33	1,67	11,67	0,00	100,00
Outra denominação	49,77	48,84	0,47	0,93	0,00	100,00
Sem declaração	53,88	42,86	0,82	2,45	0,00	100,00
Sem religião	55,29	43,57	0,26	0,88	0,00	100,00
Umbanda/candomblé	37,50	61,67	0,00	0,83	0,00	100,00
Total	56,36	42,68	0,17	0,77	0,02	100,00

Fonte: Censo Étnico-Racial da UFF e da UFMT

A tabela acima nos mostra que parece existir uma importante relação entre a religião do aluno e sua auto-identificação como afro-descendente. Como vemos, somente em quatro opções, o número de afro-descendentes supera o de não afro-descendentes. Na primeira opção, “cristã sem vínculo”, a diferença em favor dos afro-descendentes é menor que 2 pontos percentuais. Na segunda opção, “islâmica”, o percentual de afro-descendentes já ultrapassa em mais de 11 pontos percentuais os que não se declaram desta forma. A diferença se amplia nas perspectivas religiosas que derivam da inserção da população negra na sociedade brasileira.

Assim, se tomarmos os que indicaram mais de uma religião e entre estas estava a umbanda, veremos que os afro-descendentes chegam a 59,26% e, por último, entre os que escolheram o binômio “umbanda/candomblé” os afro-descendentes atingem 61,67% do universo.

Considerando que as religiões umbanda e candomblé se vinculam culturalmente a ancestralidade africana é provável que este fator promova uma maior aceitação da afrodescendência como vemos no percentual acima descrito.

É interessante verificar que entre os adeptos da religião judaica, a rejeição da afrodescendência se expressa em 89,55%. Isto talvez decorra do fato de que a adesão a esta religião deriva em grande parte da origem familiar que no caso considerado, em geral, não é negra. Parece assim que religião e origem familiar se imbricam aqui e explicam padrões maiores ou menores de declaração de afrodescendência.

É importante ainda que possamos comparar as características de pretos, pardos e brancos que se declararam afro-descendentes com as daqueles que não o fizeram. As tabelas a seguir realizam esta tarefa, desprezando as respostas diferentes de “não” e “sim” para a afro-descendência.

Tabela 11– Distribuição percentual dos alunos da UFF por renda familiar, segundo a declaração de afro-descendência entre os sub-grupos de cor ou raça

Renda Familiar	Pretos / Não afro	Pretos / Afro	Pardos / Não afro	Pardos / Afro	Branco / Afro	Branco / Não Afro
Até 1sm	4,55	3,10	1,24	1,28	0,88	0,35
de 1 a 3 sm	9,09	23,06	10,61	15,75	9,75	6,64
de 3 a 5 sm	13,64	23,50	16,39	21,60	16,53	12,57
de 5 a 10 sm	31,82	25,28	28,10	27,36	26,39	24,89
de 10 a 20 sm	18,18	15,74	24,52	20,67	24,85	27,41
de 20 a 30 sm	13,64	4,88	11,43	6,84	10,80	14,46
de 30 a 40 sm	0,00	1,55	2,75	2,02	3,36	4,33
de 40 a 50 sm	4,54	0,44	1,10	0,94	1,93	2,54
mais de 50 sm	0,00	0,00	1,65	1,08	1,71	2,64
NR	4,54	2,44	2,20	2,46	3,80	4,16
Total	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00

Fonte: Censo Étnico-Racial da UFF e da UFMT

Os 4,55% de alunos que se declararam pretos e ao mesmo tempo não se declararam afro-descendentes, apresentam uma performance um pouco melhor no que tange a renda familiar do que os demais 95,35%. Os não afro-descendentes são 1,45 pontos percentuais mais presentes na primeira faixa de renda; no entanto são largamente menos presentes na segunda e terceira faixa de renda e passam a ser majoritários nas faixas subseqüentes (com exceção da faixa entre 30 e 40 salários mínimos). Através da tabela acima verificamos que os pretos que se declaram afrodescendentes são em média mais pobres que os demais pretos.

Já entre os pardos as diferenças entre os dois grupos são mais definidas. Os alunos pardos que não se declararam afro-descendentes (26,29% do total de pardos) estão melhor situados que os demais na variável renda familiar. Assim, os auto-declarados pardos e afro-descendentes são percentualmente mais freqüentes até a faixa de 3 a 5 salários mínimos. A partir daí passam a ser menos freqüentes (embora em algumas faixas de renda a diferença seja pequena entre os dois grupos). Vemos, portanto, que os pardos que se declaram afro-descendentes são em geral mais pobres que os demais pardos.

Entre os alunos brancos ocorre exatamente o contrário. Aqueles 26,30% que se afirmaram afro-descendentes são originários de famílias mais pobres que os brancos que não se declararam afro-descendentes. Como vemos na tabela acima, os primeiros são mais presentes que os segundos até a faixa que compreende entre 5 e 10 salários mínimos, e passam a ser menos presentes a partir daí. Assim, brancos afro-descendentes se mostram mais pobres que o total dos brancos.

Tabela 12 – Distribuição percentual dos alunos da UFF por tipo de escola cursada no Ensino Médio, segundo a declaração de afro-descendência entre os sub-grupos de cor ou raça

Ensino médio	Pretos / Não Afro	Pretos / Afro	Pardos / Não Afro	Pardos / Afro	Branco / Não Afro	Branco / Afro
Escola privada	77,27	44,35	60,19	51,77	71,41	63,69
Escola pública	18,18	48,56	33,61	42,42	23,59	31,07
Escolas pública e privada	4,55	5,76	5,65	5,31	4,43	4,30
NR	0,00	1,33	0,55	0,49	0,57	0,94
Total	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00

Fonte: Censo Étnico-Racial da UFF e da UFMT

A lógica verificada na tabela acima se relaciona com aquela encontrada no que tange a renda. Os pretos/afro-descendentes são em proporção muito maior que os pretos/não afro-descendentes oriundos de escolas públicas de ensino médio. O mesmo ocorre com os pardos. Já entre os brancos, aqueles que se declaram afro-descendentes apresentam freqüência maior de origem em escolas públicas de ensino médio do que os não afro-descendentes.

É importante ressaltar que somente na coluna dos pretos/afro-descendentes o número de alunos oriundos de escola públicas supera os oriundos de escola privada.

Vejam agora os dados disponíveis acerca da escolaridade dos pais dos alunos da UFF.

Tabela 13 – Distribuição percentual dos alunos da UFF por escolaridade do pai e da mãe, segundo a declaração de afro-descendência entre os pretos

	Escolaridade do pai		Escolaridade da mãe	
	Pretos / Não Afro	Pretos / Afro	Pretos / Não Afro	Pretos / Afro
Nunca freqüentou	0,00	2,22	0,00	4,43
Fundamental incompleto	13,64	30,16	22,73	31,04
Fundamental completo	9,09	6,43	0,00	6,87
Médio incompleto	9,09	5,32	4,55	6,21
Médio completo	22,73	23,06	45,45	24,17
Superior incompleto	9,09	6,87	9,09	5,99
Superior completo	36,36	19,29	18,18	18,63
NR	0,00	6,65	0,00	2,66
Total	100,00	100,00	100,00	100,00

Fonte: Censo Étnico-Racial da UFF e da UFMT

Tabela 14 – Distribuição percentual dos alunos da UFF por escolaridade do pai e da mãe, segundo a declaração de afro-descendência entre os pardos

	Escolaridade do pai		Escolaridade da mãe	
	Pardos / Não Afro	Pardos / Afro	Pardos / Não Afro	Pardos / Afro
Nunca freqüentou	0,55	1,48	1,38	1,57
Fundamental incompleto	17,08	22,69	18,04	25,84
Fundamental completo	5,51	5,86	7,71	8,07
Médio incompleto	5,37	5,61	5,37	6,40
Médio completo	21,76	25,30	27,13	26,33
Superior incompleto	9,23	6,59	8,13	6,59
Superior completo	37,88	28,49	30,99	23,52
NR	2,62	3,99	1,24	1,62
Total	100,00	100,00	100,00	100,00

Fonte: Censo Étnico-Racial da UFF e da UFMT

Tabela 15 – Distribuição percentual dos alunos da UFF por escolaridade do pai e da mãe, segundo a declaração de afro-descendência entre os brancos

	Escolaridade do	Pai		Escolaridade da	mãe
	Branco / Não Afro	Branco / Afro		Branco / Não Afro	Branco / Afro
Nunca frequentou	0,41	0,61		0,41	0,88
Fundamental incompleto	11,72	14,16		11,15	14,44
Fundamental completo	3,72	5,12		5,08	5,34
Médio incompleto	3,68	4,02		4,06	5,34
Médio completo	19,00	20,28		26,44	26,61
Superior incompleto	8,95	10,19		8,35	9,15
Superior completo	50,36	43,20		43,61	37,02
NR	2,15	2,42		0,89	1,21
Total	100,00	100,00		100,00	100,00

Fonte: Censo Étnico-Racial da UFF e da UFMT

No que tange aos pretos, com exceção da pequena vantagem que os pais dos alunos afro-descendentes apresentam entre os que possuem ensino médio completo, vemos em geral uma performance inferior em relação aos pais dos pretos/não afro-descendentes.

Os pais dos alunos pardos/afro-descendentes apresentam performance superior aos pardos/não afro-descendentes até a faixa relativa ao ensino médio completo e ficam em desvantagem a partir daí.

Entre os brancos as diferenças de escolaridade do pai não são tão marcantes. Os não afro-descendentes somente apresentam maior frequência que os afro-descendentes no ensino superior completo e ainda assim a vantagem apresentada é menor que aquela verificada na mesma faixa entre pretos e pardos (diferença de aproximadamente 7 pontos entre os brancos, 9 pontos entre os pardos e 17 pontos entre os pretos).

Entre as mães dos alunos as diferenças entre os grupos permanecem, mas parecem ser menos marcantes. Entre aquelas dos alunos pretos/afro-descendentes a maior frequência está nas faixas de escolaridade até o ensino médio incompleto. A partir daí os pretos/não afro-descendentes são mais frequentes, com exceção da faixa mais importante – a do ensino superior completo – onde a vantagem volta a ser dos afro-descendentes, embora em proporção inferior a 0,5 ponto.

As mães dos alunos pardos/afro-descendentes são um pouco mais frequentes que as dos não afro-descendentes na faixa inicial e nas faixas relativas ao ensino fundamental completo e ao ensino médio incompleto; mas são muito mais frequentes no ensino médio

incompleto. A partir do ensino médio completo, encontramos uma presença crescente a cada faixa de escolaridade das mães de alunos pardos/não afro-descendentes.

No que tange as mães de alunos brancos as diferenças são pequenas até a faixa relativa ao ensino superior incompleto, na faixa seguinte os brancos/não afro-descendentes apresentam uma vantagem mais significativa.

Outro exercício possível nos limites de nossa investigação corresponde à comparação entre pretos e pardos que se declararam não afro-descendentes com o total de seus respectivos grupos de cor ou raça e brancos que se declaram afro-descendentes com o total do grupo em algumas variáveis selecionadas.

Tabela 16 – Comparação da distribuição percentual dos alunos da UFF que não trabalharam antes do ingresso na universidade, entre os pretos/não afro-descendentes e o total de pretos

Trabalho anterior	Pretos / Não afro	Total de pretos
Não trabalhou	86,36%	70,19%

Fonte: Censo Étnico-Racial da UFF e da UFMT

Tabela 17 – Comparação da distribuição percentual dos alunos da UFF que não trabalharam antes do ingresso na universidade, entre os pardos/não afro-descendentes e o total de pardos

Trabalho anterior	Pardos / Não afro	Total de pardos
Não trabalhou	77,82%	73,99%

Fonte: Censo Étnico-Racial da UFF e da UFMT

Tabela 18 – Comparação da distribuição percentual dos alunos da UFF que não trabalharam antes do ingresso na universidade, entre os brancos/afro-descendentes e o total de brancos

Trabalho anterior	Branco / Afro	Total de brancos
Não trabalhou	79,00%	82,15%

Fonte: Censo Étnico-Racial da UFF e da UFMT

Sabemos que a maioria dos alunos da UFF não trabalharam antes de sua entrada no ensino superior, no entanto, entre afro-descendentes e não afro-descendentes encontraremos diferenças internas a cada grupo de cor ou raça. Tais diferenças são maiores entre os auto-declarados pretos. O percentual destes que não havia trabalhado é cerca de 16 pontos menor do que o encontrado para os pretos/não afro-descendentes.

No que tange aos pardos a diferença não é tão expressiva: os não afro-descendentes trabalharam em menor quantidade que o total de pardos, mas a disparidade entre os grupos fica em torno de 4 pontos.

Já entre os brancos a lógica se inverte. No total destes alunos 17,85% trabalharam antes de ingressar na universidade, mas entre os brancos/afro-descendentes este patamar cresce para exatos 21,00% (o que perfaz uma diferença de 3,15 pontos percentuais).

Tabela 19 – Comparação da distribuição percentual dos alunos da UFF que não trabalham, entre os pretos/não afro-descendentes e o total de pretos

Trabalho atual	Pretos / Não afro	Total de pretos
Não trabalha	72,72	55,68

Fonte: Censo Étnico-Racial da UFF e da UFMT

Tabela 20 – Comparação da distribuição percentual dos alunos da UFF que não trabalham, entre os pardos/não afro-descendentes e o total de pardos

Trabalho atual	Pardos / Não afro	Total de pardos
Não trabalha	54,72	50,88

Fonte: Censo Étnico-Racial da UFF e da UFMT

Tabela 21 – Comparação da distribuição percentual dos alunos da UFF que não trabalham, entre os brancos/afro-descendentes e o total de brancos

Trabalho atual	Branco / Afro	Total de brancos
Não trabalha	53,66	58,66

Fonte: Censo Étnico-Racial da UFF e da UFMT

Se compararmos as seis últimas tabelas apresentadas veremos que após a entrada na universidade aumenta significativamente o número daqueles que passam a trabalhar. Mais uma vez, porém, os percentuais são diferentes mesmo dentro dos grupos de cor ou raça.

Os poucos pretos/não afro-descendentes apresentam uma taxa de ocupação cerca de 17 pontos percentuais menor que o do total dos pretos. Os pardos seguem a mesma direção, mas com uma diferença menor, que chega a algo em torno de 4 pontos percentuais. Mais uma vez entre os brancos a lógica se inverte. Os brancos/afro-descendentes são em maior número ocupados que o total dos brancos em exatos 5 pontos percentuais.

Por último será interessante comparar os afro-descendentes dos três grupos de cor ou raça. Vejamos:

Tabela 22 – Distribuição percentual dos alunos da UFF por renda familiar entre os afro-descendentes pretos, pardos e brancos

Renda Familiar	Pretos / Afro	Pardos / Afro	Branco / Afro
Até 1sm	3,10	1,28	0,88
de 1 a 3 sm	23,06	15,75	9,75
de 3 a 5 sm	23,50	21,60	16,53
de 5 a 10 sm	25,28	27,36	26,39
de 10 a 20 sm	15,74	20,67	24,85
de 20 a 30 sm	4,88	6,84	10,80
de 30 a 40 sm	1,55	2,02	3,36
de 40 a 50 sm	0,44	0,94	1,93
mais de 50	0,00	1,08	1,71
NR	2,44	2,46	3,80
Total	100,00	100,00	100,00

Fonte: Censo Étnico-Racial da UFF e da UFMT

Já mostramos que os alunos que se auto-declaram afro-descendentes são tendencialmente mais pobres que os demais, mesmo considerando seu próprio grupo de cor ou raça. No entanto, há diferenças entre os próprios afro-descendentes dos três grupos. Como vemos na tabela acima, comparando as três estruturas de renda familiar dos afro-descendentes, encontramos uma situação na qual os pretos/afro-descendentes aparecem como mais pobres, seguidos dos pardos/afro-descendentes. Enquanto isto os brancos/afro-descendentes apresentam performance de renda superior a destes dois grupos. A única célula que macula a linearidade dos dados acima é a relativa aos pardos/afro-descendentes

que são oriundos de famílias com renda entre 5 e 10 salários mínimos. Salvo neste ponto, há uma linearidade decrescente da esquerda para a direita nas primeiras faixas de renda e crescente nas últimas.

Tabela 23 – Distribuição percentual dos alunos da UFF por tipo de escola cursada no Ensino Médio entre os afro-descendentes pretos, pardos e brancos

Ensino médio	Pretos / Afro	Pardos / Afro	Branco / Afro
Escola privada	44,35	51,77	63,69
Escola pública	48,56	42,42	31,07
Escola pública e privada	5,76	5,31	4,30
NR	1,33	0,49	0,94
Total	100,00	100,00	100,00

Fonte: Censo Étnico-Racial da UFF e da UFMT

A mesma lógica da tabela 22 verificamos acima. Já vimos que os brancos/afro-descendentes que são mais pobres que os brancos/não afro-descendentes, continuam sendo menos pobres que os pretos/afro-descendentes e os pardos/afro-descendentes. Mas estes brancos são também em maior medida oriundos de escola privadas e, portanto, tendencialmente mais propensos a acessar a universidade pública (considerando que, como apontam Brandão e Teixeira – 2003, a maioria dos alunos da UFF são oriundos desta rede)⁴. Mais uma vez há uma linearidade crescente e decrescente entre os três grupos.

Vale ressaltar que entre o pequeno percentual dos que freqüentaram os dois tipos de escola há uma participação um pouco maior de pretos/afro-descendentes e pardos/afro-descendentes do que de brancos/afro-descendentes. Isto parece indicar que entre os dois primeiros grupos pode existir uma maior dificuldade de inserção plena no ensino privado, o que explicaria uma trajetória de entrada e saída ou de ingresso somente nos momentos decisivos de preparação para o vestibular.

⁴ Segundo o censo étnico-racial da Universidade Federal Fluminense em 2003, somente 31,0 % dos alunos eram oriundos de escolas públicas de ensino médio e 4,8% haviam estudado parte em escola pública e parte em escola privada.

Tabela 24 – Distribuição percentual dos alunos da UFF por escolaridade do pai entre os afro-descendentes pretos, pardos e brancos

Escolaridade do pai	Pretos / Afro	Pardos / Afro	Branco / Afro
Nunca frequentou	2,22	1,48	0,61
Fundamental incompleto	30,16	22,69	14,16
Fundamental completo	6,43	5,86	5,12
Médio incompleto	23,06	25,30	4,02
Médio completo	5,32	5,61	20,28
Superior incompleto	6,87	6,59	10,19
Superior completo	19,29	28,49	43,20
NR	6,65	3,99	2,42
Total	100,00	100,00	100,00

Fonte: Censo Étnico-Racial da UFF e da UFMT

Tabela 25 – Distribuição percentual dos alunos da UFF por escolaridade da mãe entre os afro-descendentes pretos, pardos e brancos

Escolaridade da mãe	Pretos / Afro	Pardos / Afro	Branco / Afro
Nunca frequentou	4,43	1,57	0,88
Fundamental incompleto	31,04	25,84	14,44
Fundamental completo	6,87	8,07	5,34
Médio incompleto	6,21	6,40	5,34
Médio completo	24,17	26,33	26,61
Superior incompleto	5,99	6,59	9,15
Superior completo	18,63	23,52	37,02
NR	2,66	1,62	1,21
Total	100,00	100,00	100,00

Fonte: Censo Étnico-Racial da UFF e da UFMT

Verificamos que os alunos afro-descendentes pretos e pardos possuem pais muito pior situados na hierarquia de escolarização que os afro-descendentes brancos. No que tange ao pai do aluno, os pretos e pardos são mais frequentes que os brancos até o ensino médio incompleto e menos frequentes a partir daí. Se tomarmos especificamente o ensino superior, veremos que este foi acessado ou concluído por 26,16% dos pais de alunos pretos/afro-descendentes, por 35,09% dos pais de alunos pardos/afro-descendentes e por nada menos que 53,39% dos pais de alunos brancos/afro-descendentes.

Entre as mães dos alunos vemos o mesmo desenho de desigualdades, no entanto com diferenças um pouco menos acentuadas no que tange às que acessaram a universidade e mais acentuadas no que tange ao percentual daquelas que jamais freqüentaram a escola⁵.

Considerações finais

O que leva auto-declarados brancos a se dizerem afro-descendentes e auto-declarados pretos e pardos a negar a afro-descendência? Parece que quanto mais pobre o indivíduo de qualquer dos três grupos raciais, mais próximo este se encontra de afirmar sua afro-descendência. Por outro lado, quanto menos pobre for este, também menos próximo se encontra da afirmação de uma origem africana. E isto vale tanto para os pretos, quanto para os pardos e os brancos.

È óbvio, porém que o fenótipo deve ter um impacto muito significativo nessas escolhas. O que poderíamos chamar de uma “inconsistência” na auto-declaração é muito menor entre os pretos (4,65% de não afro-descendentes) do que entre os pardos (26,29% de não afro-descendentes) e os brancos (26,30% de afro-descendentes).

É possível supor que os brancos que declaram sua afro-descendência possuam uma origem familiar negra mais próxima e, portanto, herdem parte do conjunto de desvantagens sócio-econômicas cumulativas (Hasenbalg, 1979) produzidas pela operação cotidiana do racismo que se abate sobre a população negra brasileira. *Isto, porém não os torna próximos do ponto de vista dos indicadores sociais aos pretos e pardos.* Como vimos nas tabelas acima brancos/afro-descendentes são em muito maior medida que os outros afro-descendentes (os pretos e os pardos) membros de famílias melhor situados na estrutura de renda, oriundos de escolas privadas de ensino médio e herdeiros de maior capital cultural (devido a uma taxa mais elevada de escolaridade dos pais - Bourdieu, 1998).

Podemos indicar que a mesma lógica se aplica de forma invertida no caso dos pardos, ou seja, estes que não se declaram afro-descendentes constituem um grupo melhor posicionado sócio-economicamente que os pardos/afro-descendentes. Sendo provável,

⁵ Atualmente verificamos uma progressiva vantagem das mulheres em relação aos homens no que tange as taxas de escolarização. Todavia esta tendência não se configura nas gerações que correspondem aos pais dos alunos da UFF.

portanto, que estes últimos apresentem uma origem familiar branca mais presente e assim herdem em menor medida o ciclo de desvantagens cumulativas.

Entretanto toda essa argumentação se desfaz quando consideramos os pretos, pois é possível pensar que neste grupo exista uma variação fenotípica menor, na medida em que os indivíduos com maior variação fenotípica já estariam na categoria “pardo”. Exatamente por isso, não é possível supor que os pretos/não afro-descendentes tenham uma menor proximidade com a origem africana.

Somente estudos qualitativos responderiam de forma mais precisa a várias questões aqui apresentadas. Exercitaremos agora algumas discussões.

De início, a recusa da afro-descendência entre pretos e pardos se vincula ao preconceito? Sabemos que a ordem racial brasileira produz diferenciações entre os indivíduos por conta do fenótipo destes (aquilo que Nogueira – 1985, chama de “marca”), e não por conta de sua origem. Na verdade, a idéia de afro-descendência ligada à origem não faz parte de forma decisiva da forma brasileira de atribuição de cor ou raça. Portanto, é muito provável que os mais de 10.000 alunos que responderam o questionário do censo étnico-racial da UFF jamais tenham pensado na sua origem.

É esperado também que os brancos não afirmem uma afro-descendência exatamente por conta da forma como as definições de cor ou raça se estruturam na nossa sociedade. A negação da afro-descendência não indica necessariamente preconceito entre os brancos, todavia simplesmente uma consideração de seu fenótipo. Mas e o caso desta negação entre pardos e pretos?

Nestes dois últimos grupos a “marca” de cor ou raça já remeteria por si só à africanidade. Quando há negação desta, tratar-se-ia de preconceito? Talvez sim. No entanto, este possível preconceito parece se articular com outras variáveis, porque há diferenças marcantes entre preto/afro, preto/não-afro e pardo/afro e pardo/não-afro.

Vejamos inicialmente a problemática da renda. O que levaria os mais ricos a se considerarem não-afro inclusive entre pretos e pardos? Parece que ao alcançarem um status mais elevado (considerando a renda, o acesso à escolarização privada e a escolaridade dos pais, o que leva a um maior capital cultural incorporado) estes pretos e pardos seriam mais propensos a se aproximar do “pólo branco” que é mais valorizado pela sociedade.

Se a estes (*auto-declarados pretos e pardos*) é difícil negar sua vinculação fenotípica, não parece ser tão difícil negar sua origem africana, lançando mão da estratégia de afastamento de um capital simbólico que os relaciona no ideário dominante com elementos negativos como pobreza e etc.

Seria interessante pensar se a aceitação da afro-descendência se processa de forma diferenciada entre os três grupos. Parece que pretos e pardos em geral a aceitam por conta do fenótipo, enquanto que os brancos a aceitam por uma questão de origem, logo não por acaso, estes são mais pobres que os brancos/não-afrodescendentes. Apesar de não ser possível “fechar” uma explicação para a recusa ou aceitação da afro-descendência neste nível de análise quantitativa que desenvolvemos, o importante parece ser a demonstração de que estas escolhas não são aleatórias, ou seja, se prendem a fatores econômicos e sociais tanto no que tange às diferenças entre os grupos de cor ou raça quanto dentro de cada um destes.

Podemos concluir que a auto-declaração da afro-descendência é pouco explicativa para determinar desigualdades e aproximações raciais e sócio-econômicas entre grupos de cor ou raça. Neste sentido, não parece se prestar como parâmetro de inclusão em uma política de ação afirmativa (seja no campo da educação superior ou mesmo no campo das demais políticas sociais) que pretenda privilegiar, através de uma discriminação positiva grupos que por conta de processos de longa duração ligados à formação e manutenção de nossa ordem racial, foram mantidos nos patamares mais baixos da hierarquia social.

Assim, os dados trabalhados aqui mostram que as especificidades da lógica de operação do racismo no Brasil apontam para a necessidade de criação de mecanismos de seleção de beneficiários de políticas de ação afirmativa que transcendam o intrincado jogo da auto-classificação de cor ou raça e de afro-descendência. Caso contrário, corremos o risco de implementar políticas que acabarão por dar cobertura a indivíduos que independente de possuírem ou não uma “real” origem africana, não carregam a “marca” fenotípica que os faria vítimas potenciais da discriminação racial no Brasil.

Bibliografia

Bourdieu, Pierre. Escritos de Educação. Petrópolis, Vozes, 1998.

Brandão, André e Teixeira, Moema De Poli. Censo Étnico-racial da UFF e da UFMT. Niterói, EDUFF, 2003.

Brandão, André. Miséria da Periferia: desigualdades raciais e pobreza na metrópole do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, Pallas, 2004.

Hasenbalg, Carlos. Discriminação e Desigualdade Racial no Brasil. Rio de Janeiro, Graal, 1979.

Nogueira, Oracy. Tanto Preto Quanto Negro: estudo de relações raciais em São Paulo. São Paulo, T. A. Queiroz, 1985.